

PENSAR: FORMAÇÃO MÉDICA

Mais médicos? Sim, mas quais?



» CLAUDIO LOTTEMBERG
Presidente do Conselho Deliberativo da Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Albert Einstein e Head do LIDE Saúde

O país precisa de mais médicos? Sim, precisa. Mas há uma reflexão anterior, e bem mais urgente, que não pode ficar de escanteio: o país precisa de qual tipo de médico? Em questões complexas como essa, é sempre bom começar a discussão dando uma olhada nos números. O Brasil conta hoje com mais de 575 mil médicos ativos. Isso significa que há 2,81 médicos por mil habitantes, índice similar ao do Canadá e superior ao de países ricos como Estados Unidos, Japão e Coreia do Sul.

O “xis” da questão, portanto, não é quantidade de profissionais. Muito mais relevante é a sua má distribuição pelo território: enquanto o Sudeste tem 3,76 médicos por mil habitantes, a região Norte tem apenas 1,73. A média nacional esconde essa disparidade.

Além disso, temos um grave problema de formação. O Brasil é o país com mais escolas de medicina no mundo (389), muitas delas abertas de forma acelerada, com infraestrutura precária e pouco compromisso com a excelência. O Conselho Federal de Medicina (CFM), embora faça um bom trabalho como órgão regulador da profissão, não tem jurisdição para fiscalizar esses cursos.

O resultado são gerações de novos profissionais formados sem garantias mínimas de que

receberam capacitação adequada. Números divulgados em abril deste ano pelo Ministério da Educação (MEC) dão a dimensão do problema: só 40% dos nossos cursos de medicina foram considerados adequados segundo o índice do Conceito Preliminar de Curso (CPC), baseado no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade).

A amostragem ampla do CPC — mais de 30 mil estudantes, oriundos de 309 cursos de todas as regiões do país — nos autoriza a concluir, com tristeza, que seus resultados pífios refletem adequadamente o estado da formação médica no país.

E os problemas de formação não se restringem à qualidade do ensino: o que já seria suficientemente grave. Trata-se também de um foco inadequado.

A formação médica brasileira continua sendo “hospitalocêntrica” — isto é, voltada à alta complexidade. Acontece que os maiores desafios do país estão na atenção primária, em campos como prevenção, cuidado continuado, escuta qualificada, gestão de territórios, medicina familiar. Continuamos apostando nossas fichas na formação de doutores para áreas de menor demanda e, depois, nos espantamos com os baixos índices de resolutividade e a sobrecarga nos grandes hospitais.

Países como os EUA investem num modelo mais descentralizado. Médicos assistentes e enfermeiros de prática avançada têm autonomia para desempenhar funções clínicas, o que desafoga todo o sistema. No Brasil, por uma combinação de rigidez legal, resistência corporativa e insegurança institucional, ainda concentramos quase todo o cuidado numa única figura: o médico. Isso não é apenas ineficiente; é insustentável.

O quadro fica mais grave quando levamos em conta as possibilidades extraordinárias que vêm sendo criadas pelas novas tecnologias. Ferramentas de inteligência artificial (IA) para auxiliar no diagnóstico e na automação de processos, telemedicina, plataformas de pesquisa — todas essas novidades estão aumentando a precisão clínica, encurtando o tempo de resposta e tornando os atendimentos mais assertivos.

Médicos irão se ocupar cada vez mais daquelas tarefas que só um ser humano pode fazer bem: a escuta, a empatia, a confiança, o cuidado olho no olho — tarefas que nossos cursos universitários ainda não tratam com a devida prioridade.

Por tudo isso, é hora de discutirmos o futuro da saúde brasileira com a seriedade e profundidade que o tema merece. Para além do óbvio — investir em medicina de boa qualidade equivale a salvar vidas —, saúde é também um eixo de desenvolvimento que movimenta mais de 9% do Produto Interno Bruto (PIB), gera empregos diretos e indiretos, contribui para a soberania científica e tecnológica do país.

Mais do que gastar energia debatendo a pauta superficial da quantidade de médicos, precisamos qualificar a formação desses profissionais, criar incentivos para melhor distribuí-los pelo território, integrar de maneira estratégica as novas tecnologias ao sistema de saúde. Precisamos, sobretudo, de um novo projeto de país, no qual a saúde tenha a devida centralidade.

A crise da saúde brasileira não será superada enquanto continuarmos tratando apenas seus sintomas. É preciso coragem para enfrentar as causas estruturais dessa doença social e discutir, com coragem, uma reformulação das bases do sistema.



Entre Homero e o estetoscópio: lições para o ensino médico e o futuro da formação



» LUIZ ALBERTO MATTOS
Médico e diretor do Centro de Ciências Médicas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

"Canta, ó deusa, a cólera de Aquiles, filho de Peleu..." — assim se abre a *Iliada*, epopeia de Homero que há milênios espelha a herança de um tempo em que os feitos dos homens e a sabedoria dos mais velhos não se perdiam na poeira do esquecimento. Pela palavra, pela reverência ao passado que os gregos transmitiam história, mas também valores, honra, ensinamento. Em cada herói, em cada ancião, havia um mestre. E cada mestre era um fio no tecido do tempo.

A lição homérica ressoa ainda hoje, sobretudo quando olhamos para a formação humana — seja na vida pessoal ou na trajetória profissional. Reverenciar nossos mestres, nossos ancestrais, é reconhecer que há uma sabedoria que não nasce nos livros, mas na convivência, na escuta, na partilha de experiências acumuladas. São eles, os mestres, que nos ensinam que o saber não é apenas técnica: é também ética, é estética da vida, é narrativa de sentido.

No seio das profissões que lidam com a dor, com a cura e com a existência — como é o caso da medicina —, essa reverência ganha contornos ainda

mais profundos. Quantos de nós não fomos formados à sombra generosa de alguém que, mais que ensinar, inspirava? Quantos não devemos a mestres que, mesmo em silêncio, nos mostravam os caminhos possíveis entre o conhecimento e a compaixão? A esses homens e mulheres, que nos antecederam com passos firmes e gestos sábios, devemos mais que gratidão: devemos responsabilidade.

Entretanto, a formação médica contemporânea exige mais do que memória. Exige movimento. Precisamos discutir urgentemente os rumos da educação médica no Brasil. O modelo vigente não pode se permitir à estagnação. É preciso responder, com profundidade e coragem, a perguntas que já se impõem: que médico estamos formando hoje? De que médico o Brasil e o mundo contemporâneo precisam?

Formar um profissional de saúde no século 21 requer mais do que domínio técnico: requer pensamento crítico, empatia, inteligência emocional, respeito às instituições, às normas e compromisso com a transformação social. A geração Z, que hoje ocupa as salas de aula, espera de nós — docentes — algo além do discurso: espera escuta ativa, metodologias inovadoras, experiências significativas, vínculos verdadeiros e sobretudo ética, e respeito às verdades universais. Essas não são subjetivas, muitas estão positivadas. Espera, ainda, que sejamos capazes de proporcionar uma formação que os torne cidadãos, médicos responsivos às demandas do nosso país e do mundo.

Mas não se constrói um futuro apenas com memórias. É preciso compreender que o

conhecimento não deve ser apenas repassado; ele deve ser construído. E essa construção exige diálogo entre gerações, exige abertura para o novo sem a destruição do que veio antes. Em tempos em que proliferam escolas médicas por todo o país, é urgente lembrar que formar médicos — e formar cidadãos — não é um ato industrial, mas artesanal. É preciso tempo, presença, e, sobretudo, mestres.

O verdadeiro mestre não é apenas o que detém um saber, mas aquele que o partilha com humildade e o reinventa com coragem. Precisamos de instituições formadoras que não se limitem a reproduzir protocolos, mas que formem pensadores, agentes de mudança, seres humanos capazes de unir técnica à sensibilidade. A medicina, como a vida, é feita de narrativas. E toda narrativa digna precisa de um passado que a sustente e de um futuro que a justifique.

Por isso, que as escolas médicas do presente saibam mirar o horizonte com a coragem de Aquiles, mas com a sabedoria de Nestor, o mais velho entre os gregos, aquele que aconselhava com ponderação, pois tinha visto o mundo girar muitas vezes. Que não esqueçamos que o futuro só se ergue sobre alicerces sólidos. E que nenhum saber será verdadeiro se não for partilhado com amor, dignidade e propósito.

Ao final da *Iliada*, o herói reconhece, diante da dor do outro, a humanidade que o une ao seu inimigo. Talvez essa seja a mais profunda lição dos nossos mestres: a de que a vida é maior que a guerra, e que a sabedoria é, antes de tudo, um ato de cuidado.

Do legado ao futuro: o papel das mulheres na fusão PSDB + Podemos



» MARIA DE LOURDES ABADIA
Ex-governadora do DF, ex-deputada constituinte

» LUCIANA LOUREIRO

Advogada, fundadora da Abradep, presidente do PSDB-Mulher do DF

A política brasileira vive um novo capítulo com o avanço das discussões sobre o processo de fusão entre o PSDB e o Podemos, uma união de trajetórias que têm como marca a defesa intransigente da democracia, da responsabilidade com as contas públicas, da transparência, do desenvolvimento sustentável e da justiça social. Este não é apenas um movimento estratégico de fortalecimento institucional. É, acima de tudo, um pacto pelo futuro do Brasil. Ele nos convida a olhar para o futuro sem esquecer o caminho trilhado até aqui — um caminho feito de conquistas, princípios e resistência democrática.

Conhecida pelos meus eleitores como Maria Abadia, fui a primeira mulher a governar o Distrito Federal e deputada constituinte. E como uma militante histórica da social-democracia, não posso deixar de lembrar que cada passo dado hoje é sustentado por um legado que precisa ser honrado.

O PSDB construiu pontes, garantiu estabilidade econômica, medicação de baixo custo, promoveu reformas estruturantes, carrega em sua história a marca do compromisso com o social e democratizou as telecomunicações. O Podemos, por sua vez, surgiu da vontade de romper com práticas políticas duvidosas, valorizando a transparência, a participação popular e o uso da tecnologia como aliada na construção de um Estado mais próximo das pessoas.

Esta fusão é, portanto, mais do que uma união formal: é a esperança de renovar compromissos, integrar visões e criar um partido mais conectado com as urgências do presente e as esperanças do amanhã. É um encontro entre a experiência e a inovação — entre o compromisso histórico com as instituições e a ousadia de fazer diferente.

E, nessa reconstrução, é fundamental que as mulheres tenham voz, espaço e protagonismo. Não há renovação política sem a ampliação real da participação feminina. Sei o quanto é simbólica e necessária a presença de mulheres em espaços de poder e decisão.

Como presidente do PSDB-Mulher do Distrito Federal e especialista em direito eleitoral, acredito que o fortalecimento da presença feminina nas estruturas partidárias é uma condição essencial para que essa fusão não se limite à soma de estatutos, mas represente um avanço real na representatividade. Precisamos garantir que o novo partido seja um instrumento eficaz de inclusão política, atento às pautas de gênero, igualdade e proteção social.

Mulheres já demonstraram, com trabalho e competência, que são parte fundamental da política que transforma. Agora, com essa nova formação partidária, temos a chance de garantir que essa presença seja cada vez mais efetiva e respeitada. O novo partido que nasce dessa fusão precisa incorporar a diversidade como princípio e a participação feminina como compromisso permanente.

Além disso, este é o momento ideal para fortalecer iniciativas de formação e capacitação de novas lideranças femininas, principalmente em regiões onde a participação política das mulheres ainda enfrenta obstáculos estruturais. Acreditamos que só com mais mulheres preparadas, empoderadas e incentivadas a disputar espaços, será possível transformar não apenas os partidos, mas também a política como um todo.

A construção dessa nova identidade partidária exige diálogo, escuta e compromisso com a ética e com a democracia. Reunir as forças de dois partidos com histórias tão marcantes é também um exercício de humildade política e de responsabilidade institucional. É e nesse ambiente de construção coletiva que a presença feminina faz toda a diferença: as mulheres sabem — como poucas — articular interesses diversos, promover consensos e trabalhar com foco no bem comum.

É tempo de olhar para o passado com gratidão, reconhecer o presente com responsabilidade e construir o futuro com coragem. Que essa fusão fortaleça nossos ideais, renove nossas práticas e abra ainda mais espaço para que mulheres liderem, decidam e inspirem. Estamos prontas para esse novo tempo — com a firmeza de quem carrega um legado e a esperança de quem acredita na política como caminho de transformação.